

# UM PRIMEIRO OLHAR ACERCA DE DIÁLOGO(S), EPISTEMOLOGIA(S) E EDUCAÇÃO HISTÓRICA

MARÍLIA GAGO\*

A História procura compreender o ser humano e as suas ações em diversos tempos e espaços. O diálogo entre diversas perspectivas, tempos e espaços é uma operação fulcral para a construção de sentido e significado das realidades que se procuram compreender-explicar. Desta forma, o ser humano vai fazendo sentido de si e construindo a sua identidade, quer no plano individual quer no plano coletivo.

O desafio colocado aos autores que participam nesta obra foi promover um olhar interspetivado articulando a Epistemologia da História e a Epistemologia da Educação com a Educação Histórica, que aqui é pensada no ângulo filosófico de Didática da História e ancorada no debate em torno da Consciência Histórica.

Jörn Rüsen convida o nosso olhar para o debate do que é que se entende por História e de como a Filosofia da História se articula com a Didática da História. Desta forma, convida-nos a compreender como três manifestações da Filosofia da História abordam a aprendizagem histórica. Assim, partimos da filosofia material da História que apresenta a História como um campo de experiência e interpretação do passado que permitirá a construção de um «campo mental», que pode dar substrato e ordem à Consciência Histórica. Passamos pela filosofia formal da História fundamentada antropológicamente que levanta o problema de a forma não responder à materialização da historicidade humana. E terminamos com o debate acerca da filosofia funcional da História que, segundo Rüsen, ainda não foi amplamente debatida e que parece apontar para a necessidade de efetivação da memória como modo de orientação cultural que conjuga passado e presente. Finalmente, propõe que, no vivenciar da memória, a forma e o conteúdo da História não poderão ser separados, uma vez que o passado tem de ser pensado na sua distância em relação ao presente, e a forma e o conteúdo devem ser pensados atendendo à sua diferença e à sua independência, isto é, devem ser pensados numa lógica de retrospção reconstrutiva da unidade do seu presente em linha com os outros segmentos de tempo. A articula-

---

\* CITCEM; Universidade do Minho. Email: mgago@ie.uminho.pt.

ção da Filosofia da História com a aprendizagem histórica e o desenvolvimento do pensamento histórico é crucial e inerente à vida. E as três formas de pensamento permitem uma inter-relação argumentativa pragmática e coerente necessária para a compreensão do ser humano na sua amplitude.

Arthur Chapman considera que, em Educação Histórica, deve haver uma atenção sistemática e intencional acerca do modo como os estudantes inferem e constroem os seus raciocínios partindo da evidência histórica para as interpretações e afirmações que fazem sobre o passado. Deste modo, propõe-nos algumas estratégias e tarefas, que tornam explícita a forma como a explicação é tecida, considerando que estas propostas podem contribuir para desafiar as ideias de senso comum dos estudantes, em prol da sua sofisticação, ou seja, para que estes estudantes possam desenvolver o seu conhecimento histórico ancorado num pensamento histórico inferencial, de forma a construírem uma argumentação, uma explicação histórica mais sofisticada.

Maria Auxiliadora Schmidt desloca o nosso olhar para o debate acerca da cultura histórica e o seu papel, refletindo, simultaneamente, acerca do diálogo entre História e Cidadania nos currículos brasileiros. Ancorada nas propostas de Rüsen das estratégias da cultura histórica, analisa as possibilidades de identificar vários elementos da cultura escolar nos documentos curriculares e como estes documentos interferem no diálogo entre a cultura histórica e a cultura escolar. Realça-se que os documentos curriculares têm em vista o cumprimento da função do ensino de História que se vai alterando ao longo do tempo fruto dos vários contextos. A relação entre a disciplina de História e a formação para a cidadania é debatida atendendo às diversas propostas curriculares em termos da natureza dos conteúdos selecionados, das conceções de ensino-aprendizagem e das finalidades políticas da disciplina. Aliás, estes elementos inerentes aos documentos curriculares dialogam com a cultura histórica atendendo às estratégias estéticas, políticas e cognitivas da cultura de cada sociedade «no que se refere aos sentidos e significados atribuídos ao conceito de “cidadania” e sua relação com a aprendizagem e o ensino da História». Defende que os documentos curriculares orientadores devem apontar para o desenvolvimento de operações cognitivas que promovam a consciência de si e dos outros, ampliando a sua capacidade de ver o passado como passado histórico, num processo pessoal de interiorização e fazer sentido no sentido de mudar a sua relação com a vida prática, que tem como finalidade principal a formação e o desenvolvimento de uma compreensão humanista mais ampla e profunda.

Isabel Barca considera, em linha com Jörn Rüsen e Peter Lee, que a Educação Histórica tem de atender aos conceitos substantivos que dão corpo à História e, em simultâneo, aos conceitos meta-históricos, ou de «segunda ordem», que permitem o desenvolvimento do pensamento histórico. Pensar historicamente passa por experienciar o labor do historiador acionando conceitos que «estão dentro», estão implícitos

ao retrato substantivo, ou seja, no tecer da história substantiva estão inerentes os conceitos de evidência, compreensão, descrição e explicação, mudança, significância, narrativa em História. Neste tecer da relação entre conceitos substantivos e conceitos meta-históricos, Isabel Barca propõe significados para alguns desses conceitos, nomeadamente: evidência, explicação, narrativa e orientação temporal. Este quadro conceptual da História dialoga com as propostas da cognição situada e com a investigação em Educação Histórica. Nesta linha de pensamento, considera que para o desenvolvimento do pensamento histórico dos jovens não basta que se transmita aos jovens os horrores humanitários já perpetuados, mas que é «preciso explicar e debater o porquê e o como foi possível ter acontecido o que aconteceu».

Marcelo Fronza apresenta o seu estudo acerca de como os jovens selecionam os vídeos de História disponíveis no *YouTube* e como inferem informação e geram sentido histórico destas fontes de informação. Assim, pretende compreender como os jovens constroem a *big picture* com base na interpretação multiperspetivada em linha com a interculturalidade e o Novo Humanismo de Rösen<sup>1</sup> e o princípio da *burdening history* proposto por Bodo von Borries<sup>2</sup>. Neste sentido, desenvolveu um estudo com 35 jovens, com idades entre os 16 e 17 anos, de duas turmas do 11.º ano de escolaridade de duas escolas secundárias públicas do norte de Portugal, nomeadamente das cidades de Paredes (14 jovens) e de Santo Tirso (21 jovens). O investigador/autor corroborou as conclusões de outros estudos acerca do modo de construção de evidência histórica apontando que os alunos procuram na evidência, construída por meios audiovisuais, um sentido de orientação histórica e que se expressam narrativamente em diálogo com a práxis social.

Lucas Pydd Nechi, na esteira de uma Educação Histórica em linha com um novo humanismo, desenvolveu um estudo com a participação de cerca de 100 alunos brasileiros e ingleses acerca do modo como estes alunos pensavam se a passagem do tempo significou melhoria ou decréscimo na qualidade da vida humana no planeta. Fundado num quadro conceptual que pensa o «progresso do progresso» em prol da qualidade de vida de todos — um «Novo Humanismo» na linha de Rösen<sup>3</sup> e Jaspers<sup>4</sup>. Assim, procurou compreender através de um bloco temático orientado por questões que se focalizavam na maneira como os jovens entendem a passagem do tempo. As questões passavam não só por compreender a ideia de ação, mas também como é que a mudança pode ter um carácter de transformação da realidade atual — orientação temporal, isto é, a compreensão do passado como potencial de ação para o presente e o futuro. Com base nos dados analisados, pode-se afirmar que os jovens brasileiros e

---

<sup>1</sup> RÜSEN, 2014, 2015.

<sup>2</sup> BORRIES, 2018.

<sup>3</sup> RÜSEN, 2012a; 2012b.

<sup>4</sup> JASPERS, 1976.

ingleses têm formas diferentes de interpretar a História. Assim, a maioria dos jovens londrinos é otimista em linha com uma visão de evolução positiva da vida. Em sentido contrário, os jovens brasileiros de Curitiba têm dúvidas acerca se a vida melhorou, ou não, ao longo do tempo. A «medicina», a «tecnologia», «as relações entre gêneros», a «orientação e identidade sexual» e as «relações étnico-raciais» são os argumentos apontados para justificar a evolução positiva da vida humana. Quando são analisados os dados referentes ao modo como os alunos compreendem a mudança, constata-se que a maioria dos jovens permanece focalizada no seu cotidiano sem se conseguir expressar narrativamente e sem se orientar temporalmente, para além da sua existência. Urge desenvolver tarefas que desafiem os alunos a pensarem acerca da mudança em linha com a dignidade humana, como é proposto por este investigador/autor.

## BIBLIOGRAFIA

- BORRIES, Bodo von (2018). *Lidando com histórias difíceis*. In SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo; NECHI, Lucas Pydd, coord. *Jovens e consciência histórica*. Curitiba: W.A. Editores, pp. 33-54.
- JASPERS, Karl (1976). *The Origin and Goal of History*. Westport, Conn.: Greenwood Press.
- RÜSEN, Jörn (2012a). *Aprendizagem Histórica: Fundamentos e Paradigmas*. Curitiba: W.A. editores.
- RÜSEN, Jörn (2012b). *Anthropology — axial ages — modernities*. In KOZLAREK, Oliver; RÜSEN, Jörn; WOLFF, Ernst, ed. *Shaping a Humane World*. Bielefeld: Transcript Verlag. pp. 55-80.
- RÜSEN, Jörn (2014). *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Petrópolis: Vozes.
- RÜSEN, Jörn (2015). *Em direção a uma nova ideia de humanidade: unidade e diferença de culturas nos encontros de nosso tempo*. In RÜSEN, Jörn. *Humanismo e Didática da História*. Org. Maria Auxiliadora Schmidt et al. Curitiba: W. A. Editores, pp. 43-56.